

ANÓNIMO

AS
MIL E UMA
NOITES

الف ليلة وليلة

1º VOLUME

Traduzido do árabe
(Síria e Egito) por
Hugo Maia





Preâmbulo

Origens históricas *d'As Mil e Uma Noites* Entre mito e realidade

O Livro d'As Mil e Uma Noites tem a particularidade de se ter tornado simultaneamente, não só um dos livros mais conhecidos, mas também um dos mais desconhecidos da literatura universal. Não sendo necessário demonstrar porque se tornou tão conhecido, urge, no entanto, explicar porque é que este conjunto de textos é muito mais desconhecido do que geralmente se julga, a ponto de que quase tudo o que é associado às estranhas e espantosas histórias *d'As Mil e Uma Noites* não ter, na realidade, um vínculo sustentável a esse corpo de textos. As suas histórias, submetidas ao crivo do Orientalismo¹, foram alteradas, ampliadas

¹ Por Orientalismo, entende-se a produção cultural que o Ocidente desenvolveu num contexto de dominação colonial, reproduzindo uma visão imaginária do outro, neste caso do Oriental e do Árabe, baseada em preconceitos e fantasias que serviam os interesses dessa dominação colonial, e cuja crítica foi brilhantemente tecida por Edward Said, na sua obra mais conhecida, publicada em 1978, *Orientalism*. Mais do que uma maneira de definir o outro, o Ocidente define-se a si mesmo através de uma forma de pensar que imagina, exagera e distorce as diferenças entre ocidentais e orientais, contrapondo a uma cultura das «Luzes» uma cultura oriental exótica, geralmente vista como atrasada, incivilizada e déspota. Ao construir-se o Oriente como sendo diferente e inferior, justificou-se a necessidade de uma intervenção ou missão de salvação por parte do Ocidente. Na obra citada, Said considera que o



e encurtadas, não havendo os tradutores hesitado em acrescentar histórias que foram recolhendo aqui e acolá, ou mesmo inventado os seus próprios contos «autenticamente orientais». Por outro lado, do exaustivo interesse por parte dos orientistas europeus resultaram vários mitos que persistem até hoje. Por exemplo, apesar de ser verdade que várias histórias têm origens possíveis e paralelos fora do mundo estritamente árabe, ainda hoje persiste o mito de que *As Mil e Uma Noites* terão tido por origem um livro persa que se terá traduzido para árabe. Mas teria sido mesmo?

As referências mais antigas a um texto com título similar remontam pelo menos ao século IX. Uma delas é um minúsculo texto num manuscrito em papel conservado no Instituto Oriental da Universidade de Chicago, datado de inícios do século IX e estudado por Nadia Abbott², onde consta o título de uma obra chamada *As Mil Noites* e contendo o que parece ser o início de uma história, com a fala de Dinarzade (*Dīnāzād*), pedindo a alguém interpelado aparentemente pela expressão «minha delícia»³, possivelmente a irmã Xerazade, que lhe contasse um conto. O conteúdo deste manuscrito, em péssimo estado e com várias palavras que o tempo tornou ilegíveis, é constituído por dois fólios interligados, dos quais constam fórmulas jurídicas, frases soltas, o rascunho de uma carta, e até o esboço de uma figura humana, mas é no conteúdo de duas das suas quatro páginas que se faz referência às *Noites*. Numa dessas páginas é indicado o título *As Mil Noites* e na página seguinte constam 16 linhas, com a já referida fala de Dinarzade. Este manuscrito tem ainda a particularidade de ser não só um dos fragmentos literários árabes mais antigos (com excepção de pergaminhos contendo o texto alcorânico), como, muito provavelmente, o mais antigo conservado em

Orientalismo é um estilo de pensamento que estabeleceu «a distinção entre Oriente e Ocidente como ponto de partida para elaborar teorias, epopeias, romances, descrições sociais e relatórios políticos a respeito do Oriente, a sua gente, costumes, “mentalidade”, destino, etc.» (SAID, Edward W., *Orientalismo — Representações ocidentais do Oriente*, 2.^a edição, Cotovia, Lisboa, 2004, pp. 3-4).

² ABBOT, Nadia, «A Ninth-Century Fragment of the “Thousand Nights” New Light on the Early History of the Arabian Nights», *Journal of Near Eastern Studies*, vol. 8, n.º 3 (Jul., 1949), pp. 129-164.

³ «Aparentemente» porque o estado do manuscrito não permite uma leitura plena e segura.

PREÂMBULO

papel, um novo material que foi introduzido no mundo árabe entre os séculos VIII e IX. E esta hipótese parece ser corroborada pelas pesquisas mais recentes de Raif Georges Khoury⁴ que o data do fim do século VIII, quase um século antes da data que consta em cada uma das quatro páginas (*Şafar* do ano hegeriano de 266, correspondente a Outubro de 879).

Além deste raríssimo manuscrito, existem outras referências dignas de atenção. Assim, na obra *As Pradarias de Ouro*, da autoria de Almagesti⁵, redigida na primeira metade do século X, o autor afirma que vários relatos pretensamente históricos que circulariam por via oral e escrita eram inventados e, na realidade, eram traduções de contos persas, hindus e gregos. E que, de entre estes, se destacava, passo a citar:

«O livro *Hazār Afsānah*, cuja tradução de persa para árabe é *Os Mil Contos*, visto que “conto” em persa se diz “*afsānah*”. E as pessoas chamam a este livro *As Mil Noites*⁶. Trata-se da história do rei, do vizir, da filha do vizir chamada Xerazade [*Shīrazād*], e da escrava desta chamada Dinarzade [*Dīnāzād*].»

E Almagesti continua fazendo comparações entre o livro *Os Mil Contos* e outros do mesmo género, tais como o livro *Sindbad, O Sábio*⁸.

Antes de se abordar a questão de uma pretensa tradução do persa, convém mencionar outro autor que faz referência às *Noites*. Trata-se

⁴ KHOURY, Raif Georges, «L’apport de la papyrologie dans la transmission et codification des premières versions des *Mille et Une Nuits*», em Edgard Weber (dir.), *Les Mille et Une Nuits, contes sans frontière*, AMAM, Toulouse, 1994.

⁵ AL-MAS‘UDĪ, Abū al-Ḥasan ben ‘alī, *Murūj adh-Dhahab wa Ma‘ādin al-Jawhar*, al-Maktabah al-‘aṣriyah, Şaydā/Bayrūt, 2011.

⁶ A edição desta obra aqui seguida menciona «*Alf Laylah wa Laylah [As Mil e Uma Noites]*». Trata-se de uma variante seguida por várias edições contemporâneas da obra em questão, mas muito possivelmente a adição de «e Uma» é um acrescento posterior, como será discutido mais à frente.

⁷ A questão dos nomes das personagens e diversas ortografias registadas nos manuscritos será discutida mais à frente. O facto de Dinarzade ser apresentada como a escrava de Xerazade, e não como a sua irmã, pode ter tanto a ver com alterações que o quadro principal da história sofreu, como poderá resultar da possibilidade de Almagesti não ter um conhecimento profundo do livro que mencionava.

⁸ Trata-se de um ciclo de histórias com exemplos morais que não deve ser confundido com o mais conhecido *Sindbad, o Marinheiro*.

História do rei Xariar e de Xerazade, filha do vizir

Conta-se — mas só Deus sabe, pois Ele é invisível e conhecedor dos relatos que remontam aos mais antigos tempos — que era uma vez, nas penínsulas da Índia e da Indochina, há muito tempo atrás, durante a época dos Sassânidas, dois reis que eram irmãos. O mais velho chamava-se Xariar e o mais novo Xazamane. O mais velho, Xariar, era um corajoso cavaleiro e um herói guerreiro, com fama de invencível, incansável e implacável. Reinava até nos mais remotos confins do país. Todos os seus súbditos, onde quer que se encontrassem, obedeciam-lhe. Xariar ofereceu ao seu irmão Xazamane as terras de Samarcanda, para que ele aí vivesse e reinasse, enquanto Xariar vivia e reinava na Índia e na Indochina. E assim foi durante dez anos.

Um dia, Xariar sentiu saudades do irmão e ordenou ao seu vizir³ — que tinha duas filhas, Xerazade e Dinarzade — que fosse até ao país do irmão e o trouxesse. O vizir preparou-se para a viagem e fez-se ao caminho, e após dias e noites a eito chegou a Samarcanda. Xazamane, logo que soube que o vizir estava para chegar às terras de Samarcanda, foi ao seu encontro acompanhado de um séquito de cortesãos. Descalvou, abraçou-o e perguntou como estava o seu irmão

³ Vizir, *wazîr* em árabe, significa «ministro». Neste caso concreto, trata-se do vizir do rei (ou grão-vizir), o cargo mais importante a seguir ao rei.

mais velho, Xariar. O vizir respondeu que o rei Xariar passava bem e que por ele havia sido enviado para pedir a Xazamane que o fosse visitar. Xazamane honrou o pedido do irmão e durante o tempo que precisava para se preparar para a viagem hospedou o vizir e a sua gente num acampamento nos arrabaldes da cidade. Providenciou-lhe mantimentos, acomodações e forragens para os animais. Em sua homenagem, degolou várias cabeças de gado e ofereceu-lhe tesoiros, bens valiosos, cavalos e camelos. A sua hospitalidade não teve fim durante os dez dias em que se preparava para a viagem.

Na véspera da partida, Xazamane escolheu um dos seus camaristas para governar durante a sua ausência, e montou a sua tenda no acampamento do vizir para aí pernoitar. Lá pela meia-noite, quis-se despedir da sua mulher e regressou ao palácio. Mas quando lá chegou, qual não foi o seu espanto ao encontrá-la a dormir abraçada a um dos moços da cozinha. Quando os viu, foi como se o mundo se houvesse tornado negro ante os seus olhos. Meneou a cabeça sem saber o que fazer e disse de si para si: «Vejam-me esta! Nem sequer ainda abalei, só estava a pernoitar fora da cidade, e é isto que ela me faz. Que fará então nas minhas costas quanto eu estiver na Índia junto de meu irmão? Não haja dúvidas, as mulheres não merecem confiança.» Tomando-se-lhe uma fúria cada vez maior, continuou a dizer de si para si: «Valha-me Deus, como é possível que isto aconteça a mim, que reino e governo as terras de Samarcanda? Como pode ela trair-me deste modo?» E dito isto perdeu as estribeiras, desembainhou a espada e matou os dois, o cozinheiro e a mulher. Puxou-os pelas pernas e botou-os janela fora, para o fundo do fosso que rodeava o palácio. Logo de seguida, saiu da cidade até onde estava acampado o vizir e ordenou que se desse início à viagem naquela mesma hora. Retumbaram os atabales e todos partiram em viagem, mas o coração do rei Xazamane, por mor da traição de sua mulher, que o trocara por um cozinheiro, um simples moço de cozinha, era consumido por um fogo que se não apagava nem acalmava.

Após dias e noites a oito, por ermos afora e desertos adentro, chegaram ao país do rei Xariar, que veio prontamente receber os viajantes. Logo que viu o irmão correu a abraçá-lo, conduziu-o à cidade com as maiores honras e instalou-o num palácio ao lado do seu. É que o rei Xariar havia construído num jardim seu dois palácios colossais,

muito elegantes e formosos; um era para os convidados e o outro era a sua residência privada. Hospedou o irmão no palácio dos convidados, depois dos criados o lavarem, limparem, escovarem, mobiliarem e abrirem as janelas que davam para o jardim. Xazamane só lá ia à noite para dormir e passava o dia no palácio do irmão, com quem ia ter logo que acordava. Mas quando se encontrava sozinho, atormentava-se com o que a mulher lhe fizera, suspirava profundamente e, abafando o choro, perguntava-se: «Mas como pode uma calamidade destas e tão grande infortúnio acontecer a alguém da minha condição?» O seu brio começou a desmoronar-se e a loucura apoderava-se dele, pondo-o a excluir vezes sem conta: «Só a mim! A ninguém mais acontece isto!» Ia-se abaixo com tanto desassossego e comia cada vez menos por mor do fastio que sentia. O desgosto pintava-o pálido e entorpecia-lhe o ânimo. Perdeu o interesse por tudo, emagreceu e mudou de cor.

Dia após dia, o rei Xariar via o irmão cada vez mais mirrado, pálido e desfeito, mas pensando que assim era por mor das saudades da sua terra e da sua família, disse de si para si: «O meu irmão não está feliz aqui. Vou preparar-lhe um belo presente e depois mando-o de volta para a sua terra.» Durante um mês a fio cobriu-o de presentes, um atrás do outro. E um dia chamou-o e disse-lhe: «Mano, quero que saibas que faço tenção de ir passear seguindo o passo das gazelas para caçar durante dez dias; depois voltarei para preparar a tua viagem de regresso; faço questão que venhas comigo.» Mas Xazamane respondeu: «Mano, ando sem grande vagar para essas coisas, deixa-me ficar aqui e segue tu no teu passeio com a bênção e a ajuda de Deus.» Ao ouvir estas palavras, Xariar julgou que o irmão se sentia triste pelas saudades de sua terra e não quis insistir. Abalou sem ele e meteu-se a viajar com os seus soldados e outras gentes do seu reino. Chegados que foram a terras ermas, montaram um cerco que iam estreitando para caçarem as presas.

Depois de Xariar abalar, Xazamane sentou-se à beira de uma das janelas que davam para o jardim. Enquanto admirava os pássaros e as árvores, lembrou-se de sua mulher e do que esta lhe fizera. As mágoas vieram à tona e pôs-se a suspirar intensamente, atormentado por pensamentos que alimentavam a fornalha do seu martírio. Com o semblante vago e fixo de um sonâmbulo, o seu olhar perdia-se entre o céu e o jardim. Às tantas, viu abrir-se a porta secreta do palácio

do irmão e dela saiu a senhora, mulher de seu irmão, caminhando toda garrida, qual gazela de olhos galantes, fazendo-se acompanhar por vinte escravas, dez brancas e dez negras. De um sítio que o não topavam, Xazamane viu-as aproximando-se. Sentaram-se mesmo por baixo da sua janela, mas não o topavam e pensavam que havia ido com o irmão à caça. Em seguida despiram todas as roupas e foi aí que Xazamane se apercebeu que eram afinal dez escravos negros e dez escravas, mas que se haviam todos disfarçados com roupas de mulher. Depois, os dez escravos montaram-se nas dez escravas e a senhora gritou: «Ó Massude! Ó Massude!» Dito isto, saltou um escravo negro de cima de uma árvore para o chão, arremeteu-se sobre ela, levantou-lhe as pernas, enfiou-se entre as suas coxas e montou-se nela. E assim foi até ao meio-dia, Massude por cima da senhora e os escravos por cima das escravas. Quando acabaram, foram-se todos lavar e os escravos vestiram novamente as roupas de escrava, confundiram-se uns com os outros e quem os visse julgaria serem vinte escravas. Massude, esse, saltou muro acima e desapareceu. Por sua vez, as escravas e a sua senhora caminharam até à porta secreta e depois de todos terem entrado, trancaram-na e foram às suas vidas. Tudo isto aconteceu e tudo foi visto pelo rei Xazamane.

Depois de Xazamane ter assistido a estes feitos, reflectiu sobre a grande calamidade e enorme desgraça que se haviam abatido sobre o irmão, o grande e glorioso rei, no seu próprio palácio, como dez escravos em traje de escrava haviam dormido com as suas concubinas e o escravo Massude com a sua mulher. Mas quanto mais matutava nisto, mais aliviado da sua dor e desassossego se sentia, dizendo de si para si: «Este é o nosso quinhão, meu irmão é rei incontestável de toda a terra, porém nada de mais adverso lhe poderia acontecer no seu próprio reino com a sua mulher e suas concubinas, nem maior calamidade poderia visitar a sua própria casa. Eu pensava ser o único a sofrer tamanha desgraça, mas, verdade seja dita, o que me aconteceu é coisa pouca. Agora percebi que todos nós sofremos e que a minha desgraça é bem mais ligeira que a de meu irmão.» E desatou a admirar e a amaldiçoar os infortúnios da vida a que ninguém escapa. E depois o seu desassossego foi-se e Xazamane não pensou mais na sua desgraça.

Quando lhe serviram o jantar, comeu à larga, com apetite e alegria, deliciando-se com a bebida que lhe traziam. Limparam-se-lhe

as tormentas da alma e, enquanto desfrutava da comida e da bebida, encantado da vida e em grande solaz com a boa andança do mundo, reflectiu para consigo: «Não há razão para me queixar, afinal não sou o único a quem tamanha desgraça acontece.» E continuou durante dez dias a comer e a beber, até que seu irmão regressou da caça e da montaria. Xazamane recebeu-o com alegria e sorriso na cara, e ajudou-o no que era preciso. Xariar, sentindo imensas saudades do irmão, disse-lhe: «Meu Deus, nem imaginas quanto senti a tua falta durante esta viagem, quem me dera que tivesses vindo!» Xazamane agradeceu ao irmão e sentaram-se os dois, passando juntos toda a tarde na farra. Quando lhes serviram o jantar, comeram e beberam, e mais uma vez Xazamane comeu e bebeu cheio de apetite.

O tempo ia passando e Xazamane continuava a comer e a beber; libertou-se das más recordações e do desassossego, a sua cara ganhou expressão e recobrou o brio. O sangue circulava-lhe novamente nas veias, trazendo-lhe de volta o ânimo e fazendo-o mais gordo. Xazamane voltou a ser como era dantes ou melhor ainda. E Xariar reparou na mudança do irmão, como estava dantes e como estava agora. Nada lhe disse até que um dia se encontrou a sós com ele e o confrontou: «Mano, quero que me faças um favor e correspondas a um desejo meu, quero perguntar-te uma coisa e ouvir uma resposta sincera.» «E qual é essa coisa, mano?» «Quando aqui chegaste, em ti só vi uma atitude de desistência perante tudo e, dia após dia, estavas cada vez mais mirrado, pálido e desfeito. Como assim continuavas, pensei que sofrias por mor da distância que te separa do teu reino e da tua família. Por isso, mesmo se te via cada vez mais em baixo, nada te quis perguntar para não te aborrecer. Depois fui à caça e, ao regressar, eis que te encontro em excelente estado e com o ânimo de volta. Conta-me, primeiro, qual a causa de estares tão em baixo aquando a tua chegada e, segundo, qual a causa que te fez recobrar o ânimo e, por favor, nada me escondas!»

Xazamane primeiro baixou a cabeça, e em seguida disse: «Ó rei, a causa do restabelecimento do meu ânimo é coisa que não te posso contar. Por favor, perdoa-me o silêncio.» Xariar, boquiaberto e em pasmo total por tal resposta, ficou a arder de curiosidade: «Mas por amor de Deus, conta-me tudo! Ao menos conta-me a causa de estares tão em baixo aquando cá chegaste.»

Xazamane contou então a Xariar tudo o que aconteceu, tintim por tintim, com a sua mulher em vésperas de partir em viagem, e concluiu dizendo: «Ó rei dos tempos, quando aqui cheguei só conseguia pensar no que me aconteceu e na desgraça que me foi infligida; quanta dor, desassossego e más recordações me perseguiram. O que ouviste foi a causa de haver perdido o ânimo.» Dito isto calou-se, e Xariar abanou a cabeça, pasmado com a matreirice das mulheres, e disse: «Pelo amor de Deus, mano, fizeste muito bem em matares a tua mulher e esse homem, fizeste mais do que justiça. Agora percebo melhor a tua dor e desassossego, e porque estavas tão em baixo. O que te aconteceu, duvido que aconteça a mais alguém. Valha-me Deus, se fosse comigo não tinha matado só uma mulher, mas aí umas cem ou mesmo mil; teria endoidecido por completo, mas Deus seja louvado, que te trouxe de volta o sossego e te limpou as mágoas. Agora diz-me, como fizeste para não pensares mais no teu desassossego e recobrades o ânimo?» Xazamane respondeu: «Por amor de Deus, ó rei, perdoa-me o silêncio.» Mas Xariar insistiu: «Por favor, conta-me.» E Xazamane escusou-se dizendo: «Se o fizer, receio que venhas a sofrer uma dor e um desassossego muito maiores do que aqueles que eu sofri.» Mas Xariar ateimou: «Como assim? Faço questão de que me contes!»

Xazamane contou-lhe então o que viu da janela e a desgraça que andava lá pelo palácio, dez escravos em traje de escrava a dormirem com as suas concubinas e a sua mulher, noite e dia. Contou-lhe tudo, tintim por tintim, mas não há necessidade de repetir aqui os detalhes. E depois concluiu: «Quando vi quão grande era a tua desgraça, não pensei mais na minha e disse de mim para mim, “Meu irmão é rei de toda a terra, mas aconteceu-lhe esta desgraça na sua própria casa.” Então aliviou-se-me a dor, senti-me melhor e volvi a comer e a beber. É esta pois a causa do meu contentamento e de haver recobrado o meu ânimo.»

Quando Xariar ouviu tudo isto, tomou-se de uma enorme e violentíssima fúria que até o seu sangue fervia. «Mano, não acredito em nada do que me dizes, a não ser que eu mesmo veja com os meus próprios olhos», disse ele, destilando ainda mais fúria. E Xazamane disse-lhe: «Se não acreditas em mim e queres por ti mesmo ver a tua desgraça, então combina uma caçada e eu irei contigo e com o teu exército. Quando estivermos fora da cidade, esquivamo-nos do arraial

e do exército, e tu e eu entraremos secretamente na cidade, vamos até ao teu palácio, esperamos até de manhãzinha e então verás com os teus próprios olhos.»

O rei reconheceu que a ideia do irmão era acertada e ordenou ao exército que se preparasse para partirem em viagem, havendo passado a noite com o seu irmão. Quando Deus fez amanhecer a manhã, cavalgaram os dois com o exército para fora da cidade, havendo os criados ido à frente com as tendas e os pavilhões para assentarem arraiais onde iam pernoitar. Quando se fez noite, o rei chamou o seu camarista-mor, ordenou-lhe que o substituísse e que ninguém fosse à cidade durante três dias. Nessa noite, ele e o irmão entraram na cidade disfarçados, foram para o palácio onde estava hospedado Xazamane e aí dormiram até de madrugada. Ao acordarem, sentaram-se a conversar à janela do palácio e a observar o jardim. Quando o Sol se levantou e raiou a primeira luz, viram a porta secreta abrir-se e de lá sair, como de costume, a mulher do rei e vinte escravas, que caminharam à sombra das árvores até se quedarem mesmo por baixo da janela onde eles estavam escondidos. Despiram as roupas de mulher e eis que afinal entre elas havia dez que eram escravos, que por sua vez montaram nas escravas e acasalaram. Enquanto isso, a senhora gritava: «Ó Massude! Ó Massude!» E dito isto, salta de cima de uma árvore um escravo negro, que se aproxima dela e pergunta: «Que queres, ó rameira? Aqui está o teu Saaddine Massude⁴!» A senhora riu-se, deitou-se de costas e o escravo montou-se nela. Quando todos terminaram os seus afazeres, os escravos foram lavar-se, vestiram as roupas com que tinham vindo e confundiram-se com as escravas. Em seguida, foram-se embora e trancaram a porta atrás de si. Quanto a Massude, esse, saltou muro acima, fez-se à estrada e foi à sua vida.

Depois de Xariar assistir a tudo isto, perdeu as estribeiras e, enquanto desciam as escadas, vociferava: «Ninguém está a salvo neste mundo, custa crer que isto aconteça no meu próprio palácio e no meu reino. Malditos sejam o mundo e a vida! Que enorme desgraça esta!» Dito isto, virou-se para o irmão e perguntou-lhe: «Queres acompanhar-me

⁴ Saaddine Massude são dois nomes próprios usuais em árabe, aqui usados de forma conjunta; o primeiro pode ser traduzido por «Fortuna-da-religião» e o segundo por «Afortunado.»

no que irei fazer?» Ele respondeu que sim, e Xariar disse: «Vamos renunciar à nossa realeza e vagar mundo fora por amor a Deus Todo-Poderoso, abdicando de qualquer privilégio real durante o nosso exílio. No entanto, se encontrarmos alguém cuja desgraça seja maior que a nossa, então regressaremos.» Ao que Xazamane respondeu: «Não posso estar mais de acordo com a tua proposta.»

Saíram por uma porta secreta do palácio e foram-se dali para fora por outro caminho. Andaram até que lhes anoiteceu e dormiram sem nada além das suas mágoas. Em amanhecendo, continuaram a caminhada até que chegaram a um prado à beira-mar. Entre árvores e arbustos, sentaram-se a conversar sobre as suas desgraças. De repente, sentiram um som estrondoso e um grito estarrecido vindos do mar. Pareceu-lhes que o céu lhes caía em cima e tremeram cheios de medo. Em seguida, o mar fendeu-se e dele se ergueu uma coluna negra, avançando na direcção deles e crescendo em tamanho até tocar nas nuvens. Tal foi o medo que os dois reis deitaram a fugir e treparam a uma árvore bem alta, onde se esconderam entre a ramagem. Daí viram a coluna negra abrir caminho pelo mar até ao prado. Quando alcançou terra e entrou por ali dentro, viram que era um ifrite⁵ negro, trazendo à cabeça um cofre de vidro fechado com quatro cadeados de aço. E, nada mais nada menos, veio sentar-se debaixo da árvore onde eles se escondiam. Poisou o cofre de vidro no chão, pegou em quatro chaves, abriu os quatro cadeados e sacou lá de dentro uma mulher já feita, uma moça de corpo formoso, doce sorriso e face tão bela quanto a Lua cheia. Pondo-a no chão, disse-lhe: «Ó mais pura de todas as mulheres, raptei-te na tua noite de núpcias, agora gostaria de dormir um pouco.» Dito isto, o ifrite deitou a sua cabeça no colo da moça, estendeu as pernas que chegavam até ao mar e adormeceu profundamente, ressonando asquerosamente.

Às tantas, a moça ergueu a cabeça e, por mero acaso, o seu olhar cruzou-se com o do rei Xariar e o rei Xazamane. Quando os viu, levantou a cabeça do ifrite, poisou-a no chão e foi ao pé de onde se

⁵ Tal como os génios, os ifrites são demónios que podem ser bons, ao serviço de Deus, ou malignos, ao serviço de Satã, como também podem ser masculinos ou femininos. Neste último caso, chamam-se ifritas. Em relação aos génios, caracterizam-se por serem mais fortes.

encontravam, acenando-lhes com a mão como quem quisesse dizer: «Desçam devagarinho até ao pé de mim.» Quando se aperceberam de que ela os vira, encheram-se de medo e imploraram em nome de Deus que ergueu os céus que ela os poupasse de descer. Mas ela ateimou: «Desçam até ao pé de mim.» E eles, respondendo por gestos, disseram: «Por amor de Deus, deixe-nos em paz, que este que está aqui a dormir é um perigo para toda a humanidade.» Ao que ela respondeu: «Vá, desçam, se não vierem para o pé de mim, vou acordar o ifrite e ele mata-vos.» Como ateimava e gesticulava cada vez mais, não tiveram outro remédio senão descer devagarinho até ela. Quando se aproximaram, a moça deitou-se de costas, ergueu as pernas, e disse: «Deitem-se comigo e saciem o meu desejo; senão acordo o ifrite e ele mata-vos.» Eles sussurraram: «Por amor de Deus, não nos faça isto, neste momento estamos varados de medo e pasmados de temor por mor do ifrite; poupe-nos disso, minha senhora.» Mas a moça respondeu: «Tem de ser», e ameaçou-os: «Por Deus que ergueu os céus, se o não fizerem vou acordar o ifrite meu marido e peço-lhe para vos matar e vos afundar no mar.» Após tanta ameaça, nada mais puderam fazer senão deitar-se com ela, primeiro o mais velho e ao depois foi o mais novo.

Quando acabaram e dela se retiraram, a moça disse-lhes: «Dêem-me os vossos anéis.» Sacou um saco dentre as suas roupas, abriu-o, e depois de uma sacudidela, botou para fora noventa e oito anéis de todas as formas e feitios, e perguntou-lhes: «Sabem o que é?» Respondendo eles que não, ela explicou: «Os donos destes anéis, todos eles, deitaram-se comigo, pois a todos com quem me deitei um anel lhes retirei. Também os senhores se deitaram comigo e agora é a vez de cada um de vós me dar um anel, para eu os juntar à minha colecção e completar a conta de cem anéis, de cem homens que me conheceram mesmo nas barbas deste imundo monstro cornudo; deste ifrite que me fez habitar este bravo mar de furiosas ondas, raptou-me e guardou-me neste cofre, que tranca a quatro chaves para eu não deixar de ser pura e virgem. Mas esqueceu-se não só que nada escapa ao destino, mas também que nada detém uma mulher quando ela quer alguma coisa.» Quando isto ouviram, Xariar e Xazamane não contiveram o seu enorme espanto e agitados de emoção exclamaram: «Ó Deus! Ó Deus! Não há força nem poder senão em Deus Altíssimo

e Grandioso, ‘Em verdade, a astúcia das mulheres é grandiosa!’⁶.» Depois, após cada um lhe entregar um anel seu, a moça ensacou os dois anéis junto dos outros e foi sentar-se junto do ifrite, pegando-lhe na cabeça e deitando-a no seu colo, como se nada tivesse sucedido. E gritou-lhes: «Vá, vão embora à vossa vida, senão acordo-o.»

Puseram-se a caminho dali para fora e durante a jornada, virando-se o rei Xariar para o irmão, lhe disse assim: «Valha-nos Deus, que desgraça bem maior que a nossa. Vê tu bem como este génio raptou uma donzela durante a sua noite de núpcias, guardou-a num cofre de vidro trancado a quatro chaves e a levou consigo para o fundo dos mares, convencido que assim a protegia dos veredictos do destino. Mas não foi isso que a impediu de dormir com noventa e oito homens mais nós os dois, fazendo agora a conta certa de cem. Quero-te mostrar o que penso fazer, mas por agora regressemos ao nosso reino e às nossas cidades e nunca mais tornemos a casar com uma única mulher.»

Assim fizeram, percorreram o caminho de volta durante toda a noite até que chegaram, já na madrugada do terceiro dia, ao arraial onde estavam os seus soldados. Sentaram-se cada um no seu trono, e todos os camaristas, delegados, emires e vizires compareceram ante o rei Xariar, que lhes ofereceu trajes de honra e os regalou com presentes. E nesse mesmo dia voltaram à cidade, e quando Xariar chegou ao seu palácio, chamou o grão-vizir, pai de Dinarzade e Xerazade, e disse-lhe: «Estás a ver aquela minha mulher? Leva-a e mata-a.» O próprio Xariar foi buscá-la, amarrou-a e deu-a ao vizir, que a levou e a matou. Feito isto, Xariar tomou a sua espada, desembainhou-a e, percorrendo todos os cantos do palácio de espada em punho, matou todas as suas escravas e substituiu-as por novas. Depois exclamou: «Não existe uma única mulher casta à face da Terra.» E prometeu a si mesmo que nunca mais tornaria a casar, a não ser por uma só noite e que na manhã seguinte mataria aquela com quem se havia casado no dia anterior para não voltar a ser vítima da esperteza e da malvadeza das mulheres. Depois disto, preparou a viagem do irmão de volta à sua terra, e cobriu-o de presentes, tesoiros, bens valiosos e muito mais. Xazamane despediu-se do irmão e foi-se para o seu país.

⁶ Paráfrase do Alcorão (12:28), reproduzindo uma fala de Potifar no contexto da história aí relatada de José, Potifar e sua mulher.

Xariar sentou-se no seu trono e ordenou ao seu vizir, pai das duas moças já referidas, que trouxesse uma filha de emires para se casar com ele. Fez-se o casamento, e Xariar consumou-o, fazendo o que queria até mais não querer. Logo que amanheceu, ordenou ao vizir que a matasse. Depois casou-se com outra rapariga, filha de um oficial militar. À noite deitou-se com ela e logo que amanheceu, ordenou ao vizir que a matasse. Como este não lhe podia desobedecer, não teve outro remédio senão matá-la. Na terceira noite, casou-se com outra que era filha de um dos mercadores da cidade. Dormiu com ela até de manhã e depois ordenou ao vizir que a matasse, e ele a matou.

E daí adiante, o rei Xariar tomava em cada noite uma rapariga diferente, escolhida entre filhas de mercadores e do povo. Passava a noite com elas e de manhã matava-as, ao ponto de nenhuma sobrar e, em todos os sítios, todos se desfaziam em pranto, as mães, os pais e as mulheres choravam e lamuriavam-se. Nas suas preces, já só suplicavam que a praga levasse aquele rei. Queixavam-se ao Criador dos céus e pediam-Lhe que ouvisse as suas preces e respondesse aos seus apelos.

O vizir que matava as raparigas tinha duas filhas, a mais velha chamava-se Xerazade e a mais nova Dinarzade. A mais velha havia estudado livros de literatura, filosofia e medicina, sabia poemas de cor, conhecia os relatos históricos, havia aprendido as máximas de gente célebre e o que haviam dito os sábios e os reis. Porque estudou e aprendeu, era uma sabedora muito sabida, inteligente e erudita.

Um dia, Xerazade disse ao pai: «Pai, quero pedir-lhe algo.» O pai perguntou: «O quê?» Xerazade respondeu: «Quero que me case com o rei Xariar, talvez eu consiga libertar o povo, caso contrário findarei e morrerei como todas as outras.» Quando isto ouviu, o vizir tomou-se de fúrias e disse: «Só podes estar louca, mas será que não sabes que o rei Xariar jurou a si mesmo que não dorme com nenhuma rapariga senão durante uma só noite e logo que vem a manhã a mata? E agora a ele te queres oferecer, para ele dormir contigo uma só noite, chamar-me de manhãzinha para te matar e eu te matar porque lhe não posso desobedecer!» Ao que ela respondeu: «Mas pai, rogo-lhe que me ofereça a ele em casamento e se ele me matar, que assim seja.» O pai perguntou: «Mas o que é que te deu para queres pôr a tua vida em perigo desta maneira?» Xerazade teimou: «Pai, rogo-lhe que me ofereça a ele em casamento. Assim disse e assim é a minha vontade.»

O vizir tomou-se de fúrias e disse: «Ó minha rica filhinha, *Se à altura das circunstâncias não te sabes comportar, em maus lençóis vais ficar*, e *A quem age sem tino, não lhe sorri o destino*, e lá diz outro conhecido ditado: *Eu estaria bem assente na vida, não fosse a minha curiosidade indevida*. O que eu tenho medo é que te aconteça o que aconteceu ao burro, ao boi e ao camponês.» Xerazade perguntou: «E que aconteceu ao burro, ao boi e ao camponês?» Ele disse:

História do burro e do boi

Havia um próspero e rico mercador que vivia no campo. Era dono de muitas terras cultivadas e tinha ao seu serviço muitos homens. Possuía uma grande fortuna, gado e camelos, e tinha uma mulher e muitos filhos, uns ainda miúdos, outros já graúdos. Este mercador tinha o dom de perceber a língua dos animais, mas se traduzisse para alguém o que ouvia, num pronto morreria. Por isso, apesar de compreender as línguas dos animais de todas as espécies e feitios, nada revelava a ninguém com medo de morrer. Na sua casa havia um boi e um burro que estavam amarrados a uma manjedeira perto um do outro. Um dia, o mercador sentou-se junto de sua mulher, enquanto as crianças brincavam à sua frente. Olhando para o boi e para o burro, ouviu o boi dizer ao burro: «Ó meu perspicaz amigo, que faças bom proveito do conforto e do serviço que te prestam, pois tens quem trabalhe para ti, lavam e limpam-te o chão, dão-te cevada peneirada para comeres e água fresca e límpida para beberes. Quanto a mim, levam-me a meio da noite e aparelham-me ao pescoço o que eles chamam jugo e arado. Trabalho sem parar arando os campos sob a chibatada que escalavra os meus flancos, esfolam-me o pescoço e põem-me todo de rastos com tanta pancada aviada pelo camponês. Trazem-me de volta na noite seguinte e de comida só me cabe fava com lama, feno e palha. Quanto à dormida, é em cima de caca e mija. Já tu, gozas de um chão limpo, bem lavadinho, e duma manjedeira asseada e cheia de feno. Passas bem em grandes confortos e lá de quando em quando carregas umas coisas, mas na viagem de regresso o nosso dono vem a pé e tu nada carregas. Como vês, tu estás sempre todo relaxado e eu cheio de canseiras, pois enquanto tu dormes eu velo.» Quando acabou

de falar, o burro virou-se para o boi e disse: «Ó ingênuo, não se enganou quem te chamou boi, pois não sabes o que é esperteza nem vileza nem torpeza. As tuas boas intenções e os teus esforços e zelos para nada servem, senão para te matares a ti mesmo para o bem de outros. Nunca ouviste o rifão: *Quem não tem sorte, apressa a morte?* Levam-te para arar os campos ainda de madrugada e sujeitas-te a penosas torturas. Da próxima vez, quando voltares desse suplício e o camponês te amarrar à manjedoura, desatas aos coices com as tuas patas e às cabeçadas com os teus cornos. Não pares de assim fazer até te botarem as favas, mas não as comas, nem sequer lhes toques, dás só uma cheiradela e, logo de seguida, estatelas-te no chão. Se assim fizeres, vais ver que será muito melhor para ti e terás mais sossego e menos canseiras.»

O boi ouvindo isto e achando que o burro lhe falava direito, disse-lhe: «Tens razão, ó meu perspicaz amigo, já chega de aturar o pior. Agradeço-te do fundo do coração os teus preciosos conselhos. Que Deus te recompense.» Tudo isto aconteceu, minha filha, sem eles saberem que o mercador tudo compreendia daquela conversação.

Ao outro dia, o camponês foi buscar o boi a casa do mercador, aparelhou-lhe o arado e levou-o para a lavoura, mas o boi trabalhar, está quieto, ó mau! O camponês bem o açoitava, mas o boi, todo mandrião, pensando nos conselhos do burro, fazia-se cair ao chão, e por mais chibatada que o camponês lhe aviasse, o boi estatelava-se de novo no chão e não havia maneira de o pôr a trabalhar. Foi assim até cair a noite, quando o camponês o levou de volta e o amarrou à manjedoura. O boi não deu luta nem fez barulho, mas afastou-se da manjedoura. O camponês pasmou ao ver tal coisa e botou-lhe favas e forragem. O boi cheirou mas não lhe tocou, afastando-se e passando toda a noite meio a dormir meio a resmungar. Na manhã seguinte, o camponês encontrou a manjedoura cheia de favas e forragem, tal e qual a havia deixado, e quando olhou para o boi, ele estava a dormir de pernas para o ar, com a barriga inchada e a respirar ofegantemente. Teve pena dele e disse para si mesmo: «Meu Deus, estava mesmo sem forças e incapaz de trabalhar.» Indo ter com o mercador, disse-lhe: «Patrão, o boi não tocou na comida durante toda a noite.» O mercador, que sabia da manha do boi, respondeu: «Vai buscar o matreiro do burro, aparelha-lhe o arado, puxa bem por ele e fã-lo trabalhar tanto quanto o boi.»

O camponês foi buscar o burro, aparelhou-lhe o arado e levou-o para os campos, açoitando-o a torto e a direito para que trabalhasse tanto quanto o boi. Tanta chibatada levou que os seus flancos ficaram lacerados e o pescoço esfolado, e à noite, quando o camponês o trouxe de volta para casa, o burro estava tão esbofado que mal se conseguia arrastar e as suas orelhas estavam caídas. Quanto ao boi, esse passou o dia todo a descansar regalado da vida, tendo comido toda a sua comida e bebido toda a sua água. Durante esse dia, louvava o conselho que o burro lhe havia dado e dizia de contente, enquanto ruminava: «Que Deus abençoe o burro!» Quando à noite o burro regressou, o boi levantou-se e disse-lhe: «Boas noites, ó meu perspicaz amigo! Que belo conselho me deste, graças a ti passei o dia em grande conforto. Que Deus te recompense pelo bem que me fizeste.» O burro estava tão rabiado que nem lhe respondeu, dizendo de si para si: «Isto só aconteceu em virtude da minha falta de tino. *Eu estaria bem assente na vida, não fosse a minha curiosidade indevida*, e se eu não arranjar uma artimanha qualquer para o boi voltar a ser como era dantes, isto ainda vai acabar muito mal para o meu lado.» Depois voltou à sua manjedoura e deitou-se, enquanto o boi ruminava e pedia a bênção de Deus para o burro.

«E tu, minha filha, também tu queres morrer em virtude da tua falta de tino. O melhor é ficares caladinha e sossegadinha, e assentares vida no conforto do teu lar em vez de provocares a tua aniquilação. Acredita em mim, que eu preocupo-me contigo.» Ela respondeu: «Pai, eu tenho de me casar com o rei e o pai tem de me oferecer a ele.» «Não faças isso», disse o pai, mas ela ateimou: «Tenho de o fazer.» E o pai disse: «Se não ficares caladinha e sossegadinha, vou-te fazer o mesmo que o mercador fez à sua mulher.» Ao que ela perguntou: «E que fez o mercador à sua mulher?» Ele disse:

História do mercador e de sua mulher

Depois do que aconteceu ao burro e ao boi, o mercador e a sua mulher foram até ao estábulo numa noite aluada, e ele ouviu o burro falar ao boi na língua deles: «Ó boi, que vais fazer amanhã de manhãzinha, quando o camponês te trazer a forragem?» O boi disse:

«Então que havia de fazer senão seguir o teu precioso conselho? Se me trouxer a forragem, faço-me de doente, estatelando-me no chão e inchando a barriga.» O burro abanou a cabeça e disse: «Não faças isso! Sabes o que ouvi o nosso dono dizer ao camponês?» O boi perguntou: «O quê?» «Ele disse que se o boi não comer e não conseguir manter-se em pé, então não há outro remédio que não seja levá-lo ao açougueiro para o abater, distribuindo em seguida as peças de carne pela caridade e fazendo uma toalha de mesa com a sua pele. Estou mesmo muito preocupado contigo, pois só quero o teu bem. Por isso, quando te trouxerem a forragem, come-a e levanta-te, senão serás abatido e esfolado.» Ao ouvir isto, o boi berrou e largou um peido, e o mercador desatou às gargalhadas ao ouvir tamanha artimanha. Então a mulher perguntou: «Porque te ris tanto? Estás a fazer pouco de mim, não é?» Ele disse: «Não, não estou.» Ela disse: «Então conta-me porque te ris tanto!» Ele disse: «De modo algum, não o posso dizer, tenho medo de revelar as conversas secretas que os animais têm na sua língua.» Ela perguntou: «E o que te impede de o fazer?» «Se o fizer, morro», disse ele. Mas vai a mulher e disse: «Que mentira tão disparatada, é só uma desculpa tua! Por Deus nosso Senhor que está nas alturas, juro que te deixo e nunca mais assentarei vida contigo se me não contares porque te rias. Tens de me dizer tudo!» E foi-se para casa em grande choro-deira e não parou de chorar até à manhã seguinte, quando o mercador lhe disse: «Que maldição! Porque raios choras tu? Pede perdão a Deus, pára de me fazer essa pergunta e deixa-me em paz!» Mas ela ateimou: «Não paro, tens de me contar.» Ele, já cansado de tanta teimosia, perguntou: «Tem mesmo de ser? Até mesmo se eu morrer por te contar a conversa que ouvi entre o burro e o boi?» Ela respondeu: «Sim, eu quero saber porque te rias, mesmo que tenhas de morrer.» Perante tal resposta, ele disse: «Então chama a tua família.» E ela chamou as duas filhas, os pais dela e outros parentes, e vieram ainda alguns vizinhos.

Quando o mercador disse que estava prestes a morrer, toda a gente presente, os gráúdos e os miúdos, os filhos, os camponeses e os serventes, todos desataram a chorar em luto. Depois, chamou testemunhas para escrever o seu testamento, deixando à sua mulher o que lhe era de direito segundo o contrato de casamento e as leis, dividindo os bens entre os filhos, e alforriando as suas escravas. Despediu-se de sua família, e toda a gente chorou ainda mais, até mesmo as testemunhas.

Os pais da mulher aproximaram-se dela e lhe disseram: «Desiste disto, pois o teu marido, se não tivesse a certeza de que morreria ao revelar o que tem de ser mantido em segredo, não se teria dado a estes trabalhos.» Mas ela disse: «De modo algum desisto.» E todos choraram e prepararam-se para o funeral.

Pois bem, minha querida filha Xerazade, eles tinham em casa cinquenta galinhas e um galo. O mercador, que estava muito triste por se separar do mundo, dos seus filhos e da sua família, sentou-se a pensar e a preparar-se para revelar o que não podia ser revelado, quando ouviu um cão que havia lá em casa conversando na sua língua com o galo, que batendo as asas havia saltado para cima de uma galinha, desfrutando dela, havendo de seguida saltado para cima doutra galinha. O mercador compreendeu o que dizia o cão na sua língua ao galo: «Ó galo, mas que falta de vergonha tão grande, fazer tais coisas num dia como o de hoje.» O galo perguntou-lhe: «Mas que tem o dia de hoje de diferente?» O cão respondeu: «Mas então não sabes que hoje é dia de luto pela alma do nosso dono porque a sua mulher o quer obrigar a revelar o que ele não pode revelar e quando o fizer morrerá num pronto? É isto o que se passa, ele vai em breve explicar-lhe o que ouviu da língua dos animais. Por isso estamos todos tristes por ele, enquanto tu andas para aí a saltar de galinha em galinha, sem vergonha nenhuma na cara!» O mercador ouviu a resposta do galo: «Estás mas é doido da cabeça! O nosso dono pretende ter juízo mas é um tolo! Então ele tem uma só e única mulher, e não tem tino quando trata com ela?» O cão perguntou: «E que podia ele fazer?» O galo respondeu: «Se eu fosse a ele, pegava num bordão de carvalho, trancava-me com ela num quarto e aviava-lhe tanta bordoadada até lhe partir as mãos e os pés, e só parava quando ela gritasse: “Já não quero que contes ou expliques nada”, e com tanta bordoadada jamais ela durante toda a vida o voltaria a contrariar em coisíssima alguma. E se ele assim fizesse, podia ficar descansado em vez de morrer, e findava todo este luto, mas ele, o nosso dono, não tem tino para lidar com esta situação.»

Pois bem, minha querida filha Xerazade, quando o mercador ouviu esta conversação, foi de imediato buscar um bordão de carvalho, trancou-se com ela num quarto e deu-lhe muita bordoadada nas costelas e nos ombros, até que ela já só suplicava: «Por amor de Deus, pára, já não quero saber porque te rias. Por favor, larga-me, não quero

jamais perguntar-te sobre coisa alguma.» E foi assim até ele se cansar de lhe enxertar pancada a torto e a direito, e ela saiu daquele quarto clamando clemência, e toda gente se contentou e se alegrou com tal desfecho. Cessou o luto e o mercador aprendeu a ter tino.

«E tu, minha filha, és outra que continuas a teimar nas tuas ideias, até eu te fazer o mesmo que o mercador fez à sua mulher.» E Xerazade disse: «Esse tipo de histórias não me demove da minha determinação. E se eu quisesse podia contar-lhe muitas outras histórias do gênero, mas o que agora lhe digo é que se me não entregar ao rei Xariar, eu mesma irei ter com ele nas suas costas e lhe direi que o pai se recusou a oferecer-me e por isso traiu a confiança que ele depositou em si.» Então o vizir disse: «Já vi que tem mesmo de ser como tu queres.» E ela respondeu: «Sem dúvida.»

Rendido à teimosia da filha, lá foi o vizir ter com o rei Xariar e, beijando o chão perante o monarca, contou-lhe o que se havia passado, e que lhe ia oferecer a filha nessa mesmíssima noite. O rei espantou-se e disse: «Ó vizir, por Deus que ergueu os céus, como podes tu conceder-me a tua filha se bem sabes que ao amanhecer te ordenarei que lhe tires a vida, e se o não fizeres eu mesmo te farei morrer?» Ele respondeu: «Real senhor, eu mesmo expliquei tudo isso à minha filha, mas ela recusou-se a dar-me ouvidos e ateimou em passar esta noite com vossa alteza.» O rei, regozijando-se ao ouvir tal coisa, disse-lhe: «Vai ter com ela, apronta-a e trá-la até mim quando anoitecer.» O vizir foi ter com a filha, e em lhe relatando o que havia dito o rei, disse-lhe: «Que Deus me não separe de ti.» Xerazade não coube em si de contente e depois de se aprontar a si e à sua bagagem, foi ter com a irmã mais nova, Dinarzade, e disse-lhe: «Mana, escuta-me com muita atenção. Quando eu estiver com o rei, irei pedir que te chamem. Quando vieres e vires que o rei já terminou os seus afazeres comigo, irás dizer o seguinte, “Ó mana, se não estiveres a dormir, conta-me um conto.” E em seguida eu conto-te uma história que o rei também escutará. Só por este modo é que irei conseguir salvar-me a mim mesma e libertar o povo, e fazer com que o rei abandone este comportamento.» A irmã assentiu.

Ao cair da noite, o vizir pegou na filha e entregou-a ao grandioso rei Xariar, que a levou consigo para a cama. Mas enquanto a namoris-cava, Xerazade começou a chorar. «Porque choras?», perguntou-lhe o

rei. Ela respondeu: «Tenho uma irmã e gostava muito de me despedir dela antes que se faça manhã.» O rei mandou que a chamassem e ela veio, e dormiu debaixo da cama. Lá por essa meia-noite, Dinarzade acordou e esperou que o rei acabasse de saciar o seu desejo. Estando os três acordados, Dinarzade aclarou a voz e disse: «Ó mana, se não estiveres a dormir, conta-me um dos teus belos contos para entretermos a noite, pois eu não sei o que te vai acontecer amanhã, e talvez seja esta a última noite em que posso ouvir a tua voz.» Xerazade respondeu: «Se vossa alteza me der permissão.» O rei consentiu e Xerazade, muito contente, disse: «Ouve-me:»



1.^a NOITE

História do mercador e do génio



Conta-se, ó bem-aventurado e sábio rei, que havia um mercador, muito próspero e dono de uma imensa fortuna. Tinha muitos escravos e criados ao seu serviço, e muitas mulheres e filhos, e havia estabelecido negócios em todos os países. Um dia, tendo resolvido visitar um desses países, munuiu-se de um alforje com pão, tâmaras e outras provisões, montou no seu cavalo e fez-se ao caminho. Passaram-se dias e noites, até que ele chegou são e salvo ao seu destino, tal como Deus havia escrito.



Quando terminou os seus afazeres por aquelas bandas, ó bem-aventurado rei, pôs-se a caminho para regressar à sua terra para junto dos seus. Os três primeiros dias de jornada passaram-se normalmente, mas ao quarto dia o calor era tanto que o chão parecia pegar fogo. Deu-lhe então na vista um jardim, aonde entrou para se abrigar à sombra. Lá encontrou uma nogueira, ao lado da qual havia uma fonte com água a correr, e depois de ter amarrado o cavalo, sentou-se debaixo daquela árvore, e sacou do alforje um naco de pão e algumas tâmaras. Enquanto comia, atirava os caroços, ora para a direita ora para a esquerda. Com a barriga mais satisfeita, fez as suas abluções e orações.

